



ESTADO DO PARÁ
CÂMARA MUNICIPAL DE BELÉM

094 16.02.16 JOHDE CMB^{01/19}

Presidente

PROJETO DE LEI Nº

Institui no Município de Belém, no calendário de eventos, o **Dia Municipal do HIP HOP e das culturas de rua**, e dá outras providências.

A CÂMARA MUNICIPAL DE BELÉM, estatui a seguinte Lei:

Art. 1º. Fica instituído no calendário oficial de eventos do Município de Belém, o **Dia Municipal do HIP HOP e das culturas de rua**, a ser comemorado em 12 de novembro de cada ano.

Art.2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Câmara Municipal de Belém, em 02 de fevereiro de 2016.


Vereadora **MARINOR BRITO - PSOL**



Hip hop

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

Hip hop é um gênero musical, com uma subcultura iniciada durante a década de 1970, nas áreas centrais de comunidades jamaicanas, latinas e afro-americanas da cidade de Nova Iorque.^[1] Afrika Bambaataa, reconhecido como o criador oficial do movimento, estabeleceu quatro pilares essenciais na cultura hip hop: o rap, o *DJing*, a *breakdance* e o graffiti.^[2] Outros elementos incluem a moda hip hop e as gírias.^[3]

Desde quando surgiu primeiramente no South Bronx, a cultura *hip hop* se espalhou por todo o mundo.^[4] No momento em que o *hip hop* surgiu, a base concentrava-se nos *disc jockeys* que criavam batidas rítmicas chamadas "loop" (pequenos trechos de música em repetições contínuas)^[5] em dois *turntables*, que atualmente é referido como *sampling*. Posteriormente, foi acompanhada pelo *rap* (abreviatura de rhythm and poetry ou ritmo e poesia em inglês) com uma técnica vocal diferente para acompanhar os loops dos *DJs*.^[6] Junto com isto, surgiram formas diferentes de danças improvisadas, como a *breakdance*, o *poping* e o *locking*.^[7]

A relação entre o grafite e a cultura *hip hop* surgiu quando novas formas de pintura foram sendo realizadas em áreas onde a prática dos outros três pilares do hip hop eram frequentes, com uma forte sobreposição entre escritores de grafite e de quem praticava os outros elementos.^[7]

Índice

- 1 Etimologia
- 2 História
 - 2.1 Hip Hop e a música eletrônica
 - 2.2 No Brasil
 - 2.3 Multi-dimensionalidade do *hip hop*
 - 2.4 A importância do estilo pessoal
- 3 Seis pilares
 - 3.1 DJ (*disc-jockey*)
 - 3.2 Rap
 - 3.3 Beat Box
 - 3.4 MC (*master of ceremonies*)
 - 3.5 Break dance
 - 3.6 Graffiti
- 4 Impacto Social
 - 4.1 Dança
 - 4.2 Moda
- 5 Ver também
- 6 Referências
- 7 Ligações externas

Hip Hop

Origens estilísticas	R&B, rap, funk, Disco, soul, dub, toasting, performance de poesia, spoken word, scat, ska, blues falado
Contexto cultural	década de 1970, Bronx, cidade de Nova York
Instrumentos típicos	Toca-discos, sintetizador, vocal, caixa de ritmos, sampler, beatbox
Popularidade	Desde o final dos anos 1980, nos Estados Unidos e no resto do mundo, na década de 1990. Em alta no início de década de 2000.
Outros tópicos	<i>Breakdance</i> , grafite, MC, <i>Beatbox</i>

Etimologia

O termo "*hip*" é usado no Inglês vernáculo afro-americano (AAVE) desde 1898, onde significa algo atual, que está acontecendo no momento, e "*hop*" refere-se ao movimento de dança. Keith "Cowboy" Wiggins e Grandmaster Flash são creditados com a primeira aplicação do termo *hip hop*, em 1978, ao mesmo tempo que Flash provocava um amigo que acabava de ingressar no Exército dos Estados Unidos, proferindo as palavras "hip/hop/hip/hop", imitando a cadência rítmica dos soldados.^[8] Mais tarde, Cowboy determinou a cadência como uma referência para o MC no palco.^[9] Como os grupos frequentemente eram compostos por um DJ e um rapper, os artistas foram chamados de "hip-hoppers". O nome originalmente foi concebido como um sinal de desrespeito, mas logo veio a identificar-se com esta nova forma de música e cultura.^[10]

As canções "*Rapper's Delight*", do grupo Sugarhill Gang e "*Superrappin'*", de Grandmaster Flash foram lançadas em 1979 e obtiveram um alto sucesso.^[9] Dois anos depois, Lovebug Starski, DJ do Bronx, lançou um *single* intitulado "*The Positive Life*", com referências a *rappers*. Então, DJ Hollywood utilizou o termo para se referir a um novo estilo de música, chamado *rap*.^[11] O pioneiro do hip hop Afrika Bambaataa reconhece Starski como a primeira pessoa a utilizar o termo "hip hop", para se referir a esta cultura.^[12]

História

O *hip-hop* emergiu em meados da década de 1970 nos subúrbios negros e latinos de Nova Iorque. Estes subúrbios, verdadeiros guetos, enfrentavam diversos problemas de ordem social como pobreza, violência, racismo, tráfico de drogas, carência de infra-estrutura e de educação, entre outros. Os jovens encontravam na rua o único espaço de lazer, e geralmente entravam num sistema de gangues, as quais se confrontavam de maneira violenta na luta pelo domínio territorial. As gangues funcionavam como um sistema opressor dentro das próprias periferias - quem fazia parte de algumas das gangues, ou quem estava de fora, sempre conhecia os territórios e as regras impostas por elas, devendo segui-las rigidamente.

Esses bairros eram essencialmente habitados por imigrantes do Caribe, vindos principalmente da Jamaica. Por lá, existiam festas de rua com equipamentos sonoros ou carros de som muito possantes chamados de Sound System (carros equipados com sistemas de som, parecidos com os trios elétricos). Os *Sound System* foram levados para o Bronx, um dos bairros de Nova Iorque de maioria negra, pelo DJ Kool Herc, que com doze anos migrou para os Estados Unidos com sua família. Foi Herc quem introduziu o Toaster (modo de cantar com levadas bem fraseadas e rimas bem feitas, muitas vezes bem politizadas e outras banais e sexuais, cantadas em cima de reggae instrumental), que daria origem ao rap.

Neste contexto, nasciam diferentes manifestações artísticas de rua, formas próprias, dos jovens ligados àquele movimento, de se fazer música, dança, poesia e pintura. Os DJs Afrika Bambaataa, Kool Herc e Grand Master Flash, Grand Wizard Theodore, Grand Mixer DST (hoje DXT), Hollywood e Pete Jones, entre outros, observaram e participaram destas expressões de rua, e começaram a organizar festas nas quais estas manifestações tinham espaço - assim nasceram as *Block Parties*.

As gangues foram encontrando naquelas novas formas de arte uma maneira de canalizar a violência em que viviam submersas, e passaram a frequentar as festas e dançar *break*, competir com passos de dança e não mais com armas. Essa foi a proposta de Afrika Bambaataa, considerado, hoje, o padrinho da cultura *hip-hop*, o idealizador da junção dos elementos, criador do termo *hip-hop* e por anos tido como "master of records" (mestre dos discos), por sua vasta coleção de discos de vinil.



DJ Hollywood foi um *DJ* de grande importância para o movimento. Apesar de tocar ritmos mais *pop* como a discoteca, foi o primeiro a introduzir, em suas festas, *MCs* que animavam com rimas e frases que deram início ao rap. Os *MCs* passaram a fazer discursos rimados sobre a comunidade, à festa e outros aspectos da vida cotidiana. Taki 183, o grande mestre do Píxo, fez uma revolução em Nova Iorque ao lançar suas "Tags" (assinaturas) por toda cidade, sendo noticiado até no *The New York Times* à época. Depois dele vieram Blade, Zephyr, Seen, Dondi, Futura 2000, Lady Pink, Phase 2, Cope2 entre outros.

Em 12 de novembro de 1973, foi criada a primeira organização que tinha em seus interesses o *hip hop*. Sua sede estava situada no bairro do Bronx. A *Zulu Nation* tem, como objetivo, acabar com os vários problemas dos jovens dos subúrbios, especialmente a violência. Começaram a organizar "batalhas" não violentas entre gangues com um objetivo pacificador. As batalhas consistiam em uma competição artística.

Hip Hop e a música eletrônica

Entre as diferentes manifestações artísticas do movimento *hip hop*, a música se insere como papel primordial para inúmeras variações existentes em nossos dias. Além dos *DJs*, *MCs*, das mixagens e do *rap*, a bateria eletrônica e os sintetizadores complementaram o âmbito das discotecas. Tudo começou quando Afrika Bambaataa resolveu criar uma batida base para suas músicas inspirando-se num álbum do grupo musical criador do estilo *techno*, Kraftwerk. Surgiu o *elektrofunk*, que, por sua vez, derivou-se em muitos outros estilos, como, por exemplo, o *miami bass* e o *freestyle*.^[13]

É importante observar que esta junção entre o então nascente movimento *hip hop* e a música eletrônica não poderia haver ocorrido se não houvesse ocorrido o desenvolvimento da tecnologia musical orientado pelo desenvolvimento da estética e da técnica da música eletrônica. A música eletrônica, que até o surgimento do grupo Kraftwerk, era uma música exclusivamente erudita, começou então a desenvolver uma versão desta linguagem musical para o âmbito da música popular.

Apesar da classificação acima para a música da banda Kraftwerk referi-la como *techno*, na verdade, não há um termo preciso para definir seu estilo, sendo preferível referir-se genericamente a tal estilo apenas como música eletrônica popular, pois o estilo do Kraftwerk é embrionário à todos os demais. Os fundadores da banda Kraftwerk estudaram com Karlheinz Stockhausen (Flur 2003, 228) e com ele aprenderam os elementos da música eletrônica erudita da vertente alemã. Posteriormente, a vertente francesa da música eletrônica erudita (conhecida como Música Concreta) veio a colaborar ao desenvolvimento do *hip hop* através do desenvolvimento do conceito de *sampler*, o qual permite a execução do conceito de *loop* de forma muito mais eficiente.

O contato dos *DJs* com os conceitos, técnicas e equipamentos da música eletrônica, foi essencial para o desenvolvimento dos atuais estilos de música eletrônica não integrantes da cultura *hip hop*. Não está claro se esse contato se deu durante o desenvolvimento do *hip hop* ou se o mesmo se deu de forma autônoma, porém, a primeira hipótese parece mais provável. Os atuais estilos de música eletrônica popular não integrantes do *hip hop* começaram a se desenvolver após a perseguição sofrida pela *disco music* (discoteca no Brasil) nos EUA. Os *DJs* dos clubes de *disco music* ao verem os novos lançamentos de *disco music* minguarem, passaram a utilizar os equipamentos da música eletrônica para produzir novos lançamentos. Daí surgiram a *house music*, a *techno music*, entre outras, que no Brasil são pejorativamente e genericamente taxadas como "bate-estaca" e que compõem o universo dos estilos não integrantes do universo *hip hop*. Atualmente, ambas as vertentes de música eletrônica, tanto a herdeira da *disco music* como o *hip hop*, fletam entre si em alguns momentos, criando pontos específicos de influência e/ou fusão de estilos, conforme pode-se observar em estilos como *breakbeat*, *drum'n'bass* e *dubstep*, sendo difícil manter a distinção entre ambas as vertentes. Também há que se considerar a influência de ritmos e estilos de outros universos culturais que vem adensar ainda mais a estrutura do *hip hop*, tais como os elementos do rock, da música latina, da música africana, entre outros, que foram utilizados em determinados momentos.

Atualmente, a música eletrônica erudita passou a adotar outra denominação para se distinguir da música eletrônica popular, autodenominando-se música eletroacústica. Além disso, a antiga divisão entre a escola alemã e a escola francesa foi abolida, resultando na fusão e reestruturação das técnicas e conceitos de ambas as escolas.

No Brasil

O berço do *hip hop* brasileiro é São Paulo, onde surgiu nos anos 1980, dos encontros na rua 24 de Maio e no Metrô São Bento^[citar fonte?], de onde saíram muitos artistas reconhecidos como por exemplo Thaíde, DJ Hum, Racionais MC's, Rappin Hood.

Multi-dimensionalidade do hip hop

Segundo Alejandro Frigerio, a principal característica das artes negras é seu caráter multidimensional, denso. A performance mistura, em níveis sucessivos, gêneros que para a cultura ocidental seriam diferentes e separados (músicas, poesia, dança, pintura). A interpretação, a fusão de todos esses elementos que faz dela uma forma artística que não seria equivalente à soma dos elementos separados. Para compreender a multidimensionalidade da performance, é necessário fazê-lo em seu contexto social. Fora deste contexto social, somente se compreenderiam alguns dos elementos, mas não só como um conjunto de dança, música, poesia e artes plásticas, senão como uma performance inserida num contexto social, neste caso marginal, cheio de problemas sociais, educacionais e de exclusão social. Este contexto social é o que dá sentido à performance. O *hip hop*, hoje em dia, dita o estilo de vida para muitas pessoas.

A importância do estilo pessoal

O diálogo entre a performance e o caráter criativo da performance, realça e reforça o estilo pessoal. "O contraponto com um interlocutor também leva ambos os performers a maiores e melhores desempenhos". O estilo pessoal é de grande importância na performance porque as características próprias de cada performance acrescentam as possibilidades de inovação e de criação de novos estilos. "Espera-se que o performer seja não só competente, mas que também possua um estilo próprio, o que pode ser observado na cultura negra urbana contemporânea, por exemplo, em todos os aspectos do 'hip-hop'". O estilo pessoal se valoriza em situações de representação, mas não é importante em todos os aspectos da vida cotidiana (estética, cumprimento, fala, etc), pois noutros momentos, é importante valorizar o respeito ao âmbito da preservação (ou âmbito da memória em contraponto ao âmbito criativo) no qual se enfatiza o valor dos códigos e tradições.

Seis pilares

DJ (*disc-jockey*)

Operador de discos, que faz bases e colagens rítmicas sobre as quais se articulam os outros elementos, hoje o *DJ* é considerado um músico, após a introdução dos *scratches* de GradMixer VST na canção "Rock it" de Herbie Hancock, que representa um incremento da composição e não somente um efeito. O *breakbeat* é a criação de uma batida em cima de composições já existentes. Seu criador, DJ Kool Herc, desenvolveu esta técnica possibilitando *B.Boys* a dançarem e *MCs* a cantarem. O *Beat-Juggling* já é a criação de composições pelos *DJ* nos toca-discos, com discos e canções diferentes. Há diversos tipos de *DJs*: o *DJ* de grupo, de baile/festas/aniversários/eventos em geral e o *DJ* de competição. Este por sua vez, faz da técnica e criatividade, os elementos essenciais para despertar e prender a atenção do público. Um *DJ* de competição é um *DJ* que desenvolve e realiza apresentações contendo *scratches*, batidas e até frases recortadas de diferentes discos (*samples*). Esses *DJs* competem entre si usando todo e qualquer trecho musical de um vinil ou arquivos digitais ou sequências MIDI.



Rap

O *rap* é um ritmo de música parecido com o *hip hop* e que engloba, principalmente, rimas. É um dos seis pilares da cultura *hip hop*. A tradução literal de *rap* é "ritmo e poesia",^[14] ou seja, uma poesia feita através de rimas, geralmente feitas em uma velocidade superior à do *hip hop*, tendo, como exemplo, o grupo The Last Poets^[15]. O *rap*, na maioria das vezes, é feito sem qualquer acompanhamento de instrumentos musicais tradicionais, mas geralmente é acompanhado por um *Dj*.

Beat Box

O termo *beatbox* (que, a partir do inglês, significa, literalmente, "caixa de batida") refere-se à percussão vocal do *hip-hop*. Consiste na arte em reproduzir sons de bateria, de sintetizador, de scratch e de samples com a voz, boca e cavidade nasal. Envolve o canto, imitação vocal de efeitos de *DJs*, simulação de cornetas, cordas e outros instrumentos musicais, além de outros efeitos sonoros. Muitos autores consideram o *rapper* norte-americano Doug E. Fresh como o grande pioneiro dessa arte. Porém, pesquisas recentes apontam para o compositor, músico e cantor brasileiro Marcos Valle como inventor do beatbox. Em 1973, Valle gravou, para seu LP "Previsão do tempo", a faixa "Mentira", na qual ele emula uma bateria com sua voz e, dessa forma, executa um padrão rítmico e uma virada. Numa entrevista de 2008 para o pesquisador acadêmico Alexei Michailowsky, Valle revelou grande surpresa ao saber que era um dos pioneiros da *beatbox*. Relembrando a gravação da faixa, ele afirmou que a ideia surgiu ao acaso, como uma mera experiência, lhe agradou e foi incorporada à gravação final.



Um *beatboxer* animando a galera



Um grupo de *MCs* em apresentação

MC (*master of ceremonies*)

Mestre de Cerimônia é o porta-voz que relata, através de rimas, os problemas, carências e experiências em geral dos guetos. Não só descreve, mas também lança mensagens de alerta e orientação. O *MC* tem como principal função animar uma festa e contribuir com as pessoas para se divertirem. Muitos *MCs* no início do *hip-hop* davam recados, mandavam cantadas e simplesmente animavam as festas com algumas rimas. O primeiro *MC* foi Coke La Rock, *MC* que animava as festas de Kool Herc. No Brasil, os primeiros rimadores foram Jair Rodrigues, Gabriel o pensador e grupos como Balinhas do Rap, Thaíde e *DJ Hum*, Racionais Mcs. Um *MC* é aquele que através de suas rimas mostra as várias formas de reivindicação, angústias e injustiças com as classes sociais mais desfavorecidas, mostrando o poder da transformação.

Break dance

Break Dance (B-boying, Popping e Locking), por convenção, é a denominação dada às danças de Break Dance. Apesar de terem a mesma origem, são de lugares distintos e por isso apresentam influências das mais variadas. Desde o início da década de 1960, quando a onda de música negra tomou os Estados Unidos, a população das grandes cidades sentia uma maior proximidade com estes artistas, principalmente por sua maneira verdadeira de demonstrar a alma em suas canções. As gangues da época usavam o *break* para disputar território: a gangue que se destacava era a que comandava o território.



Dançarino em Nova York



Grafite registrado no Rio de Janeiro

Graffiti

Expressão plástica, o grafite representa desenhos, apelidos ou mensagens sobre qualquer assunto, feitas com *spray*, rolinho e pincel em muros ou paredes. Sendo considerado por muitos uma forma de arte e é usado por muitos como forma de expressão e denúncia. Apenas no Brasil considera-se o ato de "pichar" diferente do ato de "grafitar". Nos Estados Unidos, por exemplo, onde o grafite

surgiu, existe um nome para a modalidade "pichação" que é conhecido como "tag".

Impacto Social

Dança

A dança hip hop inclui uma grande variedade de estilos, nomeadamente *breaking*, *locking*, *poping*, e *krumping*. *Breaking*, *locking* e *poping* foram desenvolvidos na década de 1970 por negros e Latino-americanos. O *krumping* surgiu na década de 1990, em comunidades Afro-americanas, em Los Angeles. O que separa a dança do *hip hop* de outras formas de dança são os movimentos de improvisação (*freestyle*) e que os dançarinos de *hip-hop* frequentemente envolvem-se em disputas nas competições de dança. Sessões de *freestyle* e disputas geralmente são realizadas numa *cypher*, um espaço de dança circular que se forma naturalmente uma vez que a dança começa.

Moda

A moda do hip hop é um estilo de se vestir de origem afro-americana, caribenha e latina, que teve origem no bairro The 5 Boroughs, em Nova Iorque, e, mais tarde, influenciou em cenas do *hip hop* em Los Angeles, Galesburg, Brooklyn, Chicago, Filadélfia, Detroit, Porto Rico, entre outros. Cada cidade contribuiu com vários elementos para o seu estilo geral visto hoje no mundo inteiro.^[16] ^[17] ^[18]

Geralmente, as roupas utilizadas no *hip hop* são largas, para que os movimentos fiquem maiores, dando mais efeito visual para a dança. Também são utilizados bonés, muitas vezes virados para trás ou de lado, costumam usar shorts e, na maioria das vezes, as roupas são vistosas.

O primeiro estilista a unificar a moda convencional com o estilo do Hip Hop foi Karl Kani (https://en.wikipedia.org/wiki/Karl_Kani), que desenvolveu as primeiras calças com o formato propriamente largo. Pelo sucesso das vendas ele recebeu o título de "The Godfather of fashion Urban"^[19] e também foi eleito mais tarde pela revista People um dos 100 Afro-Americanos mais ricos do mundo.

Ver também

- Mortes de personalidades do *hip hop*

Referências

- Chang, Jeff; DJ Kool Here (2005). *Can't Stop Won't Stop: A History of the Hip-Hop Generation* Macmillan [S.l.] ISBN 031230143X.
- Kugelberg, Johan (2007). *Born in the Bronx* (New York: Oxford University Press). p. 17. ISBN 978-0-7893-1540-3.
- Walker, Jason (January 31, 2005). "Crazy Legs – The Revolutionary" (<http://www.sixshot.com/articles/4884>). *SixShot.com* Web Media Entertainment GmbH [S.l.] Consult. 2009-08-27.
- Rosen, Jody (2006-02-12). "A Rolling Shout-Out to Hip-Hop History" (<http://www.nytimes.com/2006/02/12/arts/music/12rose.html?pagewanted=3>). *The New York Times* [S.l.: s.n.] p. 32. Consult. 2009-03-10.
- Chang, Jeff (2005). *Can't Stop Won't Stop: A History of the Hip Hop Generation* (New York: St. Martin's Press). p. 90. ISBN 0-312-30143-X.
- Brown, Lauren (February 18, 2009). "Hip to the Game – Dance World vs. Music Industry, The Battle for Hip Hop's Legacy" (http://www.movmnt.com/monsters-of-hip-hop-2_003332.html) Movmnt Magazine [S.l.] Consult. 2009-07-30.
- <<Historia do Hip Hop>> (<http://www.dancaderua.com.br/historia.htm>) www.dancaderua.com.br. Visitado em 07-Agosto-2010.
- "JET, April 2007", Johnson Publishing Company pp.36–37
- Keith Cowboy – The Real Mc Coy (<http://web.archive.org/web/20060317071002/http://www.furious5.net/cowboy.htm>)
- Tecnologia Google Docs (http://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:BQYA8RlorlYJ:www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciasSociais/Dissertacoes/santos_smp_me_mar.pdf+%22hip-hopppers%22&hl=pt-BR&gl=br&pid=bl&srcid=ADGEESijYowhgrYeqP3Kcbsdza0BHvfn0ARxb13zZDUlYdoEM9v5Sj_fWk_WyanR8sRuiiBaqAaxgNY_GIRPwIFOGZ9u6o29i1xLbcY61meD0t-hQuBvmwmQqpM0lWjMYjZ&sig=AHIEibSplXaGK8ZF8mKwZ5UG-vNaLdNZ6g) docs.google.com. Visitado em 07-Agosto-2010.

05
48

11. "Zulu Nation: History of Hip-Hop" (http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:nmWYaxJvsWJf:www.zulunation.com/hip_hop_history_2.htm+%22keith+cowboy%22+%22hip+hop%22+military&hl=en&gl=us&ct=clnk&cd=3). 72. 14.209.104. Consult. 2010-04-23.
12. http://www.zulunation.com/hip_hop_history2.htm (http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:nmWYaxJvsWJf:www.zulunation.com/hip_hop_history_2.htm+%22keith+cowboy%22+%22hip+hop%22+military&hl=en&gl=us&ct=clnk&cd=3) (cached)
13. http://www.samplesdb.com/db/A/Afrika*Bambaataa SamplesDB - Afrika Bambaataa's Track
14. *Oxford English Dictionary*
15. [1] (<http://allmusic.com/cg/amg.dll?p=amg&sql=11:07d2vwpva92k~T1>) Ankeny, Jason, Allmusic.com profile of Last Poets; URL accessed February 01, 2007
16. Kitwana, Bakari. *The Hip Hop Generation: Young Blacks and the Crisis in African American Culture*, p. 198.
17. Keyes, Cheryl. *Rap Music and Street Consciousness*, p. 152.
18. Wilbekin, p. 282.
19. Karl Kani, o grande chefe da moda Urbana (<http://www.estiloblack.com.br/2013/09/karl-kani-o-grande-chefao-da-moda.html>) - Novembro de 2013

Ligações externas

- Hip hop (<http://www.dmoz.org/Society/Subcultures/Hip-Hop/>) no Open Directory Project

Obtida de "https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Hip_hop&oldid=44081966"

Categorias: Hip hop | Movimentos culturais | Cultura afro-americana | Géneros musicais dos Estados Unidos

-
- Esta página foi modificada pela última vez à(s) 19h24min de 30 de novembro de 2015.
 - Este texto é disponibilizado nos termos da licença Creative Commons - Atribuição - Compartilha Igual 3.0 Não Adaptada (CC BY-SA 3.0); pode estar sujeito a condições adicionais. Para mais detalhes, consulte as Condições de Uso.